

Elizabeth Adler

DESAPARECIDA

Tradução
Sofia Ribeiro

*Quinta Essência**

PRÓLOGO

ANGIE

FETHIYE, TURQUIA

O mar é turquesa. Azul-marinho, agora que mergulho nele mais profundamente, da cor e textura do veludo usado pelas damas de honor. Se bem que transparente. Mesmo com a pressão da água nos olhos, consigo vê-los aos dois no convés, a mão da mulher a segurar agressivamente a garrafa de champanhe, que há um instante brandiu contra mim, batendo-me na têmpora, onde o meu cabelo cresce numa onda suave cor de cobre. Agora ensanguentada.

Espanta-me que ninguém tenha dado pela minha queda. Também me surpreende que, ao bater no oceano, um corpo produza tão pouco ruído. Deslizo para o fundo em silêncio, praticamente sem uma bolha a assinalar a minha ida. Nem sequer ficou uma ondulação atrás do barco que avançou.

Nunca foi minha intenção ter uma sepultura marítima; sempre achei que partiria suavemente de noite, na segurança da minha cama macia, para outro lugar acolhedor e ameno não muito diferente daquele em que habitava, onde tudo se passaria em grande medida como até então, só que mais suavemente.

Parece que estava enganada. Encontrava-me novamente a descer, pela última vez, e sabia-o. Era levada por uma corrente rápida, os meus pulmões enchiam-se de água, o sabor do sal na boca, a picar-me os olhos, ainda abertos, e sentindo-me incapaz de os fechar.

Não vi ninguém, embora tenha ouvido o débil ondular do pequeno barco. Ouvi uma voz masculina desconhecida dizer: «Está morta.» E depois: «Não, pode ser que esteja viva.»

Esperava que ele tivesse razão.

A mulher que brandira a garrafa de champanhe fatal encontrava-se no convés do iate preto, que partia velozmente enquanto Angie desaparecia no oceano, era conhecida simplesmente como Mehitabel. Não havia necessidade de um apelido no seu estilo de vida, em que a maioria das pessoas se conhecia entre si apenas pelo nome próprio, em alguns casos, como o seu, inventado, noutros real, como acontecia com Ahmet Ghulbian, o multimilionário a quem pertencia o barco veloz, e que não via razão para falsificar um nome reconhecido internacionalmente, tal como Onassis, pela sua história de sucesso e fortuna.

Mehitabel não era amante de Ahmet, nem sequer ocasional; era a sua companheira de longa data, guardiã dos seus segredos, que eram muitos, e executora das suas ordens, fossem elas quais fossem.

Mehitabel nunca recusara nada que Ahmet lhe pedira. O acordo que tinham não era verbalizado, nem contratual, mas era entendido na perfeição pelos dois pela simples razão que ambos se assemelhavam na sua essência: eram infinitamente imorais; o que os movia eram necessidades desconhecidas da maioria; e eram incapazes de emoções profundas.

Mehitabel não gostava de mais ninguém a não ser dela própria; nunca teria *dado* a vida por Ahmet, mas era capaz de *tirar* a vida a outros por ele. Era isso que ele apreciava nela e compensava-a bem pelos seus serviços. Ahmet não era homem que gostasse de «sujar» pessoalmente as mãos; havia gente como Mehitabel para isso.

Mehitabel não esboçou sequer um sorriso ao ver a rapariga ruiva debater-se no rasto do barco veloz. O mais que conseguiu

em resposta foi um encolher de ombros enquanto se afastava, descalça, uma vez que Ahmet não permitia o uso de sapatos no seu convés imaculado de teca, com o vestido preto a fundir-se no negrume do barco e do meio envolvente.

A única coisa em que pensava era que mais uma caíra por terra ou, desta vez, «caíra no mar». Quase se deu ao luxo de tirar prazer do sucedido.

1

FETHIYE, TURQUIA

Marco Polo Mahoney estava alegremente estendido numa espreguiçadeira às riscas, cujas correias não durariam muito mais tempo. Ainda assim, era um lugar confortável para descansar e bebericar de vez em quando de uma garrafa de *ouzo*, um pouco acre, mas que lhe dava uma sensação de tranquilidade. Era agradável àquela hora do entardecer. Seriam seis horas? Tinham de ser seis horas, não? Certamente um homem não podia ser encontrado a beber antes disso; podiam ficar a pensar mal dele.

Estendeu a mão para fazer uma festa nas orelhas da cadela. Mas, caramba, estava de férias e gostava de uma bebida ou duas. Talvez mais. Às vezes. Supostamente, beber sozinho não era bom; devia animar-se, sair e ir à procura de companhia na vila. Levantou-se e observou a sua pequena fatia de costa no Sul da Turquia: uma língua de areia branca, um mar turquesa que se tornava azul-marinho quando se fundia no azul mais profundo do céu, que agora escurecia com nuvens de tempestade, tudo recortado num fundo verde de floresta.

Marco era um conhecido retratista. Tinha trinta e cinco anos, um atraente ar endurecido e atualmente usava barba porque nunca a fazia quando estava de férias; usava o cabelo castanho penteado para trás, rijo do sal por nadar no mar; os seus olhos azul-escuros estreitavam-se ao sol e pareciam ver tudo. Pelo menos, era o que afirmavam as irmãs, e era verdade. Via todos os

defeitos delas, o que também diziam deixá-las pouco à vontade. Mas claro que ele valia a pena.

Marco estava em boa forma física, apesar de nunca fazer exercício. Tinha jogado basquetebol e ténis na juventude, mas o mais habitual era ficar à margem, de lápis na mão, a fazer esboços da ação. As raparigas sentiam-se elogiadas, os rapazes chamavam-lhe maricas. Ele ria-se, mas fora essa paixão que fizera dele o que era agora, procurado pelos ricos e famosos; um homem que sabia jogar o jogo social, mas que, quando estava sozinho, usava uns calções velhos e andava descalço, como nesse momento. Era também um homem que gostava da solidão.

Tirara umas curtas férias, sozinho com a cadela. Alugara uma cabana e velejava um pequeno barco de madeira, conhecido como *gulet*, a partir do porto turco de Fethiye. Estava castanho do sol e usava apenas os calções de banho de surfista, largos e de cintura descaída, que lhe assentavam nas ancas estreitas, e um par de chinelos de praia que lhe balouçavam do dedo grande do pé.

Levantou o rosto para apanhar os últimos raios de sol, saboreando a carícia morna. Sabia que não se devia ter esquecido do protetor de ecrã total; se a namorada estivesse com ele, tal não teria sido esquecido. Filha de um lorde inglês, a ilustre Martha Patron era consistente, persistente e insistente. Com Martha sabia-se sempre com o que contar; beleza ligeiramente severa do tipo nariz direito, maçãs do rosto salientes e cabelo loiro penteado para trás. Usá-lo-ia preso num rabo-de-cavalo nas férias, mas durante aquilo a que Martha chamava «vida real» usava-o num carrapito perfeito na nuca. Na cama era solto e macio por altura dos ombros.

Em férias, Martha teria usado um biquíni e uma túnica, ambos de estilista, e Marco sabia por experiência própria que a túnica seria provavelmente feita de um material semelhante ao *chiffon*, num suave tom de azul ou verde, com alpercatas de plataforma de corda, genuínas, feitas de tecido em Espanha ou num lugar parecido. Martha era o tipo de mulher que sabia

sempre onde se fabricavam as coisas, ou onde as encontrar, e como usá-las na perfeição. Na verdade, isso aplicava-se a tudo.

Essa era a razão por que Marco continuava espantado por ela andar com um tipo como ele: despenteado, o cabelo castanho-claro comprido de mais e sempre de calções ou calças de ganga; as únicas camisas que tinha eram as que ela lhe comprava e que, na sua maior parte, continuavam nas embalagens de plástico. Mas possuía um par de sapatos. Tinham sido do avô e feitos à mão por Berluti em Paris há muitas primaveras. Marco mantinha-os polidos, com um brilho intenso, por respeito a esse avô que o criara, e também para o caso de ter de os usar num evento elegante, nalguma cidade internacional onde os sapatos eram a regra, ainda que geralmente optasse pelos ténis.

Na «vida real», que aquelas férias certamente não eram, Marco era um «artista», como Martha não parava de lhe lembrar. «Na verdade, um *artista retratista*», acrescentava ela, agradada por os clientes de Marco incluírem alguns CEO internacionais de topo, homens cuja aparência Marco ganhava a vida a pintar, o que lhe permitia, financeiramente, escapar dessa realidade para a realidade das suas férias, onde podia estar sozinho. Sem contar, claro está, com *Em*, a cadela que ia com ele para todo o lado.

Resumindo, respondia quando desconhecidos se mostravam curiosos em relação à cadela cinzenta, que estava sempre no seu encalço, ao seu lado nos cafés, sempre metida debaixo do seu braço quando viajavam. Pequena e nada bonita, *Em* vivia numa parte do coração de Marco que compreendia a solidão de que ele a salvara.

Quando a conhecera, uns anos antes, estava sozinho na esplanada de um café em Marselha. Nem sequer tinha uma vista bonita e ele parara ali apenas para beber um café rápido, servido numa daquelas chávenas pequenas, verde-escuras com rebordo dourado, que todos os cafés franceses parecem usar, e também um copo de vinho produzido pelas videiras, que crescem no monte perto de St. Emilion, e um *croissant* com amêndoas,

confeccionado com uma quantidade de manteiga capaz de matar. Foi então que viu a carrinha de recolha de animais, com a sua jaula de arame, passar devagarinho. E ali estava a cadela, pequena, cinzento-acastanhada, jovem, uma sobrevivente das ruas. Até àquele momento. A carrinha parou. Um homem saiu do lado do passageiro, contornou a carrinha e estendeu a mão para o animal. Marco chegou primeiro.

– Ah, isso é que não – disse ele, ou algo parecido, retirando rapidamente o animal das mãos do homem. – Este cão é meu. – E claro que, a partir de então, foi mesmo.

Chamou-lhe *Em* por causa do *St. Emilion* que estava a beber quando a viu. Parecia assentar-lhe bem e ela reagira desde a primeira vez que o ouvira. Obviamente que agora era esse o seu nome. *Em*. A cadela de Marco. Comia de tudo, o que era útil, dado que ele a levava para todo o lado. Não visitava países que não aceitavam a sua cadela, não viajava em companhias aéreas onde tivesse de ir no porão e não se hospedava em hotéis que não a aceitassem. Martha dissera-lhe que ele estava mais apaixonado pela maldita cadela do que por ela. Ele não o admitia, mas podia ser verdade. E era por isso que a cadela agora estava com ele, naquela bela costa no Sul da Turquia, a partilhar uma pequena casa caiada de uma divisão apenas com as portas e persianas de madeira azul vivo, que ele próprio pintara, e o barco mais pequeno ainda, o velho *gulet* de madeira, assim como o insuflável cor de laranja que ele usava todos os dias para ir pescar.

Se tivesse sorte e apanhasse alguma coisa com mais de quinze centímetros, com tamanho suficiente para não ser atirado de novo à água, nessa noite Marco assaria o peixe sobre as brasas de um grelhador improvisado, feito de pedras e um pedaço de arame. Iria partilhá-lo com a cadela, sentado lá fora sob as estrelas, passando do *ouzo* para aquele estranho vinho turco meio gaseificado que lhe picava a garganta mas sabia bem. Noutros fins de tarde, iam ao café-bar da vila, onde se sentavam

à sombra alongada de uma velha oliveira a devorar cabra assada com cuscuz e tempero de limão, ou uma sanduíche de pão grosso e estaladiço com tomates doces, apanhados frescos no jardim, com cebola às rodelas e queijo feta esfarelado.

Costas, o proprietário, um homem magro, com um ar atormentado, na casa dos quarenta, de bigode revirado, dentes muito brancos e olhos de um azul intenso, já os conhecia e havia sempre qualquer coisa especial para *Em*: um osso tão grande que até podia ser de dinossauro e que obrigava Marco a fazer uma pausa para pensar duas vezes no que estaria a comer; ou uma tigela de guisado de peixe, com cabeça e rabo e tudo, de que *Em* parecia gostar especialmente.

Fossem quais fossem as razões, o café-bar do Costas passou a ser o lugar deles ao entardecer, e às vezes noite morna dentro, eram lá conhecidos e havia sempre companhia e conversa assim como alguém que falava inglês suficiente para entender o sentido das coisas. Era uma vida boa e simples, muito diferente da vida de Marco em Paris e nas cidades onde pintava o retrato de homens ricos e das suas mulheres, com pérolas e diamantes e sorrisinhos de superioridade. Ele, porém, aproveitava bem a sua vida e, apesar do lado mau, gostava dela. E pagava tudo aquilo. *Aquele* tipo de vida, aquela vila, a costa. *Aquilo* ele adorava.

Estendido na espreguiçadeira descaída, tornou a bebericar o *ouzo*, fazendo uma careta. Disse a si mesmo que devia optar por qualquer coisa um bocadinho melhor, pagar um par de euros a mais por algo que não o deixasse de lágrimas nos olhos. Virou-se para observar um iate a afastar-se devagarinho do porto, o casco negro a sulcar suavemente as ondas. O céu escurecera, o ar estava tenso com a ameaça da trovoadas e os relâmpagos lampejavam rápidos como um piscar de olhos. Aproximava-se uma tempestade, e muito depressa, como Marco sabia por experiência própria que acontecia naquela região. As tempestades podiam ser severas e, na sua opinião, o barco teria ficado melhor à espera dela no cais ou, pelo menos, ancorado perto dele.

Por essa altura, já o barco estava a uns cem metros de distância e a ganhar velocidade. Marco levantou-se, puxou os calções largueirões para cima e pegou nos binóculos. Era um *gulet* moderno, inspirado nos velhos barcos piscatórios da região de Bodrum. Só que maior, mais veloz e mais sofisticado.

Enquanto observava, uma mulher saiu da cabina e atravessou o convés a correr. O cabelo ruivo comprido foi apanhado pelo vento que acompanhava a tempestade, envolvendo-a como uma auréola de cobre que o derradeiro brilho do Sol iluminou por instantes. Usava um vestido azul que, quando ela se equilibrava na popa, se agitava atrás do seu corpo magro. Levou uma mão à cabeça e o seu pescoço inclinou-se num gesto que pareceu a Marco ser de dor. Chocado, teve um vislumbre da ferida aberta e ensanguentada, do crânio branco. Foi então que a viu cair.

Marco ficou de olhos fixos no lugar onde ela tinha caído, à espera que voltasse à superfície. O *gulet* continuou a vogar. Não havia sinal dela no rasto da embarcação. Ninguém viera ajudá-la, parecia que ninguém no *gulet* sabia que ela tinha desaparecido. Passaram-se mais uns trinta segundos e Marco compreendeu que ela estava em apuros. Dirigiu-se a correr para o velho insuflável cor de laranja e atirou-o às ondas. O motor externo começou a trabalhar à primeira. Num intervalo de minutos, encontrava-se onde a tinha visto desaparecer na água. Andou aos círculos, a olhar para o fundo do mar, mas ali a água era menos límpida, perturbada pelo seu barco. Silenciou o motor e saltou borda fora de lado.

Foi como cair de um penhasco. Mergulhou tão fundo que sentia os pulmões a explodir quando finalmente tornou a vir à superfície junto do barco. O mar estava picado, o céu escuro, a tempestade aproximava-se. E foi então que a viu de novo, o cabelo acobreado a subir, flutuando, em direção a ele. Chegou lá num segundo.

Mas não conseguia encontrá-la. Mergulhou uma vez e outra, mas a tempestade chegara e a turbulência agitava as ondas e estas agitavam-no a ele. Perdera-a.

O passado veio-lhe à mente, trazendo consigo memórias que ele nunca mais queria reviver.

Quando Marco subiu novamente para o barco, a cadela estava tolhida no velho barco, com as orelhas coladas à cabeça pela muralha de chuva que caía do céu. Não via um palmo à frente do nariz. A rede do telemóvel, que nunca era boa naquela região, agora era impossível; nem sequer podia telefonar para a guarda costeira ou para o porto. Agradeceu a Deus por vestir sempre um colete salva-vidas a *Em*, agarrou na trela e enrolou a ponta no pulso. Se o barco se virasse, conseguiria manter-se agarrado a ela.

As ondas verdes atiravam-nos para cima num mar de espuma, depois faziam-nos deslizar outra vez para baixo. O motor externo gaguejou e morreu. Marco olhou em redor, à procura do horizonte, de terra firme, de qualquer coisa que não o mar que já fizera uma vítima. Pensou se ele e *Em* seriam as próximas. Se assim fosse, nunca ninguém haveria de ficar a saber da ruiva de vestido azul com a ferida ensanguentada na cabeça. Se é que alguma vez a encontrariam. Ninguém saberia que o ferimento fora feito antes da queda, nem que alguém naquele grande *gulet* de casco negro desferira o golpe. Só Marco sabia. Mas não era altura para pensar nisso; limitava-se a rezar para sair dali com a cadela.

Com um derradeiro clarão breve e um estrondo minguinte de tempestade, o céu começou a mudar drasticamente. Numa

questão de minutos, foi atravessado por uma lâmina e o mar tornou-se novamente uma vaga azul-esverdeada, erguendo-os suavemente até terra.

Marco desenlaçou a trela dos dedos. A água pingava das orelhas de *Em* e da cabeça de Marco e descia-lhe pelo peito. Pôs uma mão em pala acima dos olhos, procurando em toda a volta, mas sem ver a rapariga.

Outros barcos apareceram dirigindo-se velozmente para o porto. Marco acenou a um pequeno barco piscatório e apanhou boleia, acorcorando-se entre o pescado escamoso enquanto os outros lhe rebocavam o barco inutilizado até ao cais. Tanto ele como *Em* cheiravam fortemente a peixe quando finalmente caminharam pelo cais em direção à esquadra da guarda costeira, algo que agradava mais à cadela do que a Marco.

A esquadra consistia num espaço quadrado com duas secretárias, cada uma das quais com uma grande cadeira de pele, uma delas ocupada por um homem com ar importante de uniforme cinzento e pesados óculos escuros que não tirou enquanto inspecionava Marco, ainda encharcado, olhando-o de cima a baixo, e de novo para o rosto com a barba por fazer. O escrutínio do homem deslocou-se para a cadela molhada, que de seguida se sacudiu com força, fazendo chover gotas de água sobre ele.

– Peço desculpa – disse Marco. – Está tudo um pouco molhado lá fora.

Com um olhar de desdém, o guarda sacudiu o uniforme com uma grande mão bem cuidada e perguntou-lhe bruscamente o que queria. Marco ficou com a impressão de que a resposta não lhe interessava muito. Provavelmente, estava a interromper a sua ida ao café para tomar um copo de retsina e conversar um bocado; turistas encharcados e os seus cães, ainda em pior estado, que apareciam para lhe sujar a esquadra e o uniforme não eram bem-vindos.

Alisou o cabelo para trás e tentou compor-se para ficar mais apresentável, o que era difícil quando se estava molhado

e de calções de banho, mas tinha mais em que pensar do que nas aparências.

– Vim declarar um afogamento.

O guarda lançou-lhe um olhar rápido de trás dos óculos escuros.

– Quem?

– Não sei. Uma mulher. Jovem. Caiu de um grande *gulet*.

– Como sabe que caiu?

Marco resistiu à tentação de revirar os olhos.

– Vi.

O guarda tirou os óculos e fitou Marco. Era evidente que desconfiava dele.

– E então? Porque não a salvou desse afogamento?

– Senhor guarda. – Marco sabia que a cortesia era a única maneira de ter êxito num contexto burocrático. – Eu tentei. Mergulhei muitas vezes, mas o mar estava turbulento. Não consegui encontrá-la. Só sei que caiu de um grande *gulet* negro e muito veloz. Ele partiu e ela foi deixada para trás...

O agente recostou-se na cadeira de pele. Estreitou os olhos, desconfiado, para Marco.

– Como se chamava esse *gulet*?

Marco referiu que não sabia, não tivera tempo de ver.

– E o que estava a fazer lá fora na tempestade? Em que barco se encontrava?

Marco explicou que estava de férias, falou do seu velho barco de borracha e da tempestade que o salvara, empurrando o pequeno barco de regresso ao cais.

– Mas era jovem – começou por dizer, mas deteve-se. Tinha usado o pretérito perfeito. – Trazia um vestido azul, não propriamente o que se usaria caso a intenção fosse saltar do barco para nadar.

O homem olhava-o com frieza, expectante.

– Ela tinha... *tem*... cabelo ruivo – lembrou-se ele. – Uma grande nuvem de cabelo acobreado, tipo encaracolado, não sei se está a ver...

O agente não disse nada. Virou-se e premiu uma tecla no computador. Teclou em silêncio durante uns minutos.

– Não há registo de ninguém que tenha caído de um barco. Não há pessoas desaparecidas – afirmou ele. – A tempestade terminou. Provavelmente foi dar um mergulho. – Encolheu os ombros, ignorando a questão. – Os turistas estrangeiros acham que tudo é seguro em todo o lado. Nas férias tornam-se imortais.

Marco ficou a vê-lo escrever uma mensagem num *post-it* amarelo e dirigir-se à secretária vazia ao lado da sua para o colar no tampo.

– O meu assistente vai ficar atento à situação – comentou o homem enquanto abotoava o casaco, encaminhando-se para a porta, que abriu para Marco e a sua cadela saírem.

«E pronto», pensou Marco, enquanto seguia a chapinhar para o café onde Costas o saudou com um gesto de sobrancelhas arqueadas e uma rápida chávena de café expresso que tirou da sua nova máquina *Gaggia*, que era o seu orgulho e alegria.

Costas não perguntou o que tinha acontecido, não era esse o seu modo de agir. Costas ouvia. Sabia tudo sobre toda a gente e, na maior parte dos casos, guardava a informação para si. E contava à mulher, claro, a adorável Artemis, dez anos mais nova que ele e que só era ultrapassada pela *Gaggia* no orgulho e alegria sentidos por Costas. E, se Artemis conversasse com as amigas, afastando para trás o cabelo comprido e preto com uma mão enquanto a outra segurava a chávena de café, ou, à noite, um copo do *Cinzano* com soda rosado de que tanto gostava, também vinha sempre com mais notícias que Costas guardava para si, a menos que as circunstâncias exigissem o contrário. Aquele dia, com o que Marco Polo Mahoney lhe contou, podia muito bem ser uma dessas ocasiões.

– Cabelo ruivo? – perguntou de forma casual. Tinham-lhe contado muitas histórias ao longo dos anos passados atrás do balcão, por isso não as levava demasiado a sério. Pegou num copo

que estava numa fileira deles no bar, serviu-se de uma boa dose de brande e empurrou-o para Marco. – Parece que precisas disto.

Pediu a Artemis que trouxesse uma toalha para a cadela, que pingava para o chão de mosaicos brancos, já forrado com uma cama de pequenos papéis gordurosos que usava para servir petiscos. De quando em quando, um ajudante seu, geralmente um rapazito, vinha com uma vassoura varrê-los para o canto, onde se amontoavam, para mais tarde serem levados por outra pessoa.

Marco bebeu o *shot* de um trago. Caiu-lhe no estômago como uma bomba-relógio, explodindo passado um minuto para lhe percorrer as veias num remoinho.

– *Caramba* – exclamou. – O que *é* isso, Costas?

– A minha bebida especial. Não a dou a todos.

Marco apostava que não ou não haveria muita gente capaz de sair dali pelo seu pé. Fez sinal a pedir café e uma sanduíche de fiambre, que deu à cadela. Tirou o telemóvel do bolso dos calções de banho encharcados. Estava estragado, claro. Não tinha telefone na cabana e olhou de relance para o telefone fixo de Costas, perguntando-lhe se podia usá-lo. Costas empurrou-o na sua direção e ficou a ver, alarmado, Marco marcar muitos números.

– Para *onde* ligas?

– Oh, é só para Nova Iorque. – Marco sorriu-lhe. – Tenho lá a minha namorada.

– Nova Iorque? *EU* da *A*? – Costas estava espantado.

Marco acenou com a cabeça e suspirou de alívio quando Martha atendeu.

– *Amor* – disse ela, com aquela pronúncia britânica, suave e rouca, de que ele tanto gostava. – *Estava mesmo a pensar em ti.*

– Folgo em sabê-lo – respondeu ele, ainda a pensar na ruiva que se afogara e nas suas memórias. – Estou metido num sarilho – referiu e depois explicou o que tinha acontecido. – E acho que se trata de homicídio – concluiu.

Fez-se um longo silêncio enquanto ela ponderava a questão.
Depois afirmou:

– Vou já para aí – como se estivesse na porta ao lado e não
a milhares de quilómetros de distância.

3

Quando Marco lhe telefonara da Turquia, Martha Patron estava em Nova Iorque de pijama. Deu graças a Deus por ele não a poder ver. O pijama era de flanela, ela tinha sempre frio quando ficava sozinha na cama; riscas azuis e brancas, como um uniforme da prisão, e usava meias de dormir vermelhas. A acrescentar, aproveitando o facto de estar sozinha uma noite, cobrira a cara de vaselina, coisa que fazia uma ou duas vezes por mês e que tinha a convicção de que conferia à sua pele um brilho suave. Na verdade, usava-a muitas vezes em todo o corpo, evidentemente quando não havia ninguém a vê-la. Acabara de lavar o cabelo e secava-o, passando um pente e sacudindo de vez em quando a cabeleira com a cabeça para baixo. De um loiro-mel claro natural, muito liso e cortado logo abaixo dos ombros, o cabelo de Martha era muito bonito, ela acertava as pontas de três em três semanas. Ficava dispendioso, mas valia a pena e ela compensava o custo com o facto de não comprar cremes de rosto caros. Funcionava.

Caso se analisasse a sua aparência, algo que Martha fazia todas as noites antes de ir para a cama e de manhã ao acordar, definitivamente não era bonita: tinha o maxilar muito quadrado e o queixo demasiado determinado; as maçãs do rosto eram, contudo, boas e estava grata por isso porque, afinal de contas, era o que lhe sustentava o resto do rosto. Os olhos eram a sua